

CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO NO CEARÁ: UMA REALIDADE RETRATADA POR RACHEL DE QUEIROZ EM *O QUINZE* (1930)

Yzy Maria Rabelo Câmara³¹
Yls Rabelo Câmara³²

Resumo:

Quando falamos de campo de concentração, remetemo-nos automaticamente aos campos de extermínio nazista. Muitos de nós jamais desconfiaríamos que os tivemos entre nós, mais amenos, é bem verdade, ainda que igualmente insalubres, durante as estiagens de 1915 e 1934. Tanto para os nazistas, na II Guerra Mundial, como nós, há um século, a estratégia dos campos de concentração serviu com uma desculpa etnocêntrica. Em nosso caso, os flagelados da Seca do Quinze aterrorizaram Fortaleza, que naquele momento se estava estruturando arquitetonicamente com base nas ideias francesas difundidas pela *Belle Époque*. Uma vez que a ideia de isolar os párias logrou êxito, quando da estiagem seguinte, o mesmo se deu, desta vez, estendido a outros municípios do estado. Esta realidade ligada ao fenômeno das secas sazonais que nos castigam foi plasmada por Rachel de Queiroz em seu primeiro, inovador e premiado romance: *O Quinze* (1930). Cem anos depois desta estiagem emblemática, o panorama político que trata do tema ainda não foi alterado como deveria e o retrato do Nordeste estampado n' *O Quinze* segue atual em muitos aspectos. Neste artigo buscamos mostrar

³¹ Yzy Maria Rabelo Câmara é licenciada e bacharel em Psicologia e bacharel em Serviço Social pela Universidade de Fortaleza e Universidade Estadual do Ceará respectivamente e mestra em Saúde Pública pela Universidade Federal do Ceará. zyrabelo@hotmail.com

³² Yls Rabelo Câmara é licenciada e especialista em Letras (Português – Inglês) pela Universidade Estadual do Ceará, mestra e doutoranda em Filologia Inglesa (Letras – Inglês) pela Universidade de Santiago de Compostela e especializanda no ensino do espanhol como língua estrangeira pela Faculdade Ateneu. ylscamara@hotmail.com

esta realidade obscura que o horror da Seca do Quinze provocou: a criação de campos de concentração, campos de contenção que para uma grande parcela de seus confinados significou o reduto final. Assim sendo, neste levantamento bibliográfico, primeiramente nos centramos nos campos de concentração *per se* para em seguida voltarmos nosso olhar para a contextualização dos mesmos na obra-prima desta que é uma das escritoras brasileiras mais importantes de todos os tempos, a primeira a ser aceita na Academia Brasileira de Letras e que orgulhosamente pertenceu à nossa seara, ao nosso Ceará.

Palavras-chave: Seca, Campos de Concentração, *O Quinze*.

Abstract:

When we talk about concentration camp, we automatically think about the Nazi death camps. Many of us never have never imagined that we had them among us, milder, it is true, although equally unhealthy, during the droughts of 1915 and 1934. For the Nazis, in World War II, and for us, a century ago, the strategy of concentration camps served as an ethnocentric excuse. In our case, the ones who suffered with the drought that took place in 1915 terrorized Fortaleza, which at that moment was architecturally structured according to the French ideas spread by *Belle Époque*. Since the idea of isolating the miserable sufferers has succeeded, when the next drought came, the concentration camps were extended to other counties within the state. This fact related to the phenomenon of seasonal droughts we have been punished with was shown by Rachel de Queiroz in her first, innovative and award-winning novel, *O Quinze* (1930). One hundred years after this emblematic drought, the political reality that deals with this issue has not changed as it should have and the picture printed in *O Quinze* keeps on being present in many aspects. This article tries to show this dark reality that the Drought of 1915 caused: the creation of concentration camps, containment fields that meant the final stronghold for a large portion of their confined ones. Therefore, in this bibliographical research, we firstly focus in the concentration camps *per se*, then we turn our attention to the contextualization of these concentration camps in this masterpiece, the one from one of the most important Brazilian writers of all time, the first woman writer to be accepted in the Brazilian Academy of Letters and who proudly belonged to our harvest, to our Ceará.

Key-words: drought, Concentration camps, *O Quinze*

Campos de concentração: uma realidade no Ceará castigado pelas grandes secas

É muito difícil compreender como um país tão rico em fauna e flora e com diversidades minerais e climáticas possa ser marcado por tanta discrepância sócio-econômica, conforme Oliveira (1994) e Silva e Bastos (1986); como se fosse não uma União Federativa, mas essencialmente dois “brasis”: um próspero, refinado e cultural situado no entorno litorâneo e um rudimentar, pobre e inculto localizado no sertão. A parte que coube ao nordestino foi marcada pela escassez; para sobreviver há que valer-se, muitas vezes, da agricultura familiar. De acordo com Câmara e Câmara (2015): A

economia nordestina estava embasada diretamente na agricultura e na pecuária. Esta região, no entanto, perdeu muito de sua importância econômica devido ao infortúnio de secas devastadoras e consecutivas.

Entre o final do século XIX e o início do século XX, a seca e os flagelados por ela ficaram na memória coletiva dos brasileiros ao serem atrelados ao atraso e à decadência física e moral. Conforme Castro (2010), o século XIX, impulsionado pela Revolução Industrial, trouxe consigo o afã de moldar-se ao modelo hegemônico de tecnologias, saberes e novos valores políticos e sociais. De acordo com Iser (2008, p. 16):

O Brasil do século dezenove procurava se inserir no admirável mundo novo da técnica e do individualismo como valor político e social. Mas, como é sabido, movia-se com dificuldade, preso por amarras estruturais, enquanto a sociedade saía do regime monárquico, agrário-exportadora e escravista. Era em si própria uma sociedade "entre" a modernidade anunciada e trazida pelas máquinas e pelo liberalismo, mas também definitivamente refém do relativo isolamento colonial e do mundo das hierarquias fixas.

A capital cearense vivia, segundo Silva e Bastos (1986), o descompasso que as demais capitais brasileiras experimentavam: buscavam ser evoluídas, mas eram cercadas pela realidade de pobreza absoluta de parcela considerável de sua população e dos habitantes do sertão, além do atraso socioeconômico, pautado em uma política oligárquica que era reforçadora desta condição miserável do binômio clientelista-coronelista em detrimento do sertanejo que não tinha o latifúndio monocultor - quando muito, possuía apenas a agricultura rudimentar de subsistência. Aliado ao forte sistema hegemônico de governo, segundo Câmara e Câmara (2015), a Igreja atuava de forma muito intensa para a manutenção da ordem por ser acrítica, ao mesmo tempo em que se encontrava em crise desde a projeção de ideologias marxistas, positivistas, liberais e maçônicas, além do Cristianismo rústico e que, na figura do pioneiro padre Ibiapina, vinculado com a realidade dura do sertão, desenvolveu uma realidade religiosa próxima da vivência do povo. Tal estratégia de Catolicismo popular de construção de açudes, cacimbas, cemitérios, capelas e “casas de caridade” teve seguidores no corpo clérigo e de líderes diversos como Antônio Conselheiro e Padre Cícero.

Diante deste cenário de turbulências e transformações sociais, políticas e econômicas, a seca, segundo Farias (1997), é uma marca indigesta para o sertanejo por ser um fenômeno que periodicamente desestrutura-lhe os meios básicos de sobrevivência e o leva a condições de miséria e mesmo de flagelo. Para aplacar os

efeitos drásticos de escassez suprema provocada pela estiagem, levas de nordestinos migram de seus territórios de origem em busca de oportunidades de (sub) trabalho. À luz de Neves (1995), tal fenômeno provoca notável desajuste social por impactar negativamente na economia, por catalisar atos criminosos e perda ou rebaixamento da moralidade e mesmo da fé cristã. É muito recorrente em circunstâncias similares de desvalia que a seca provoca, a grande incidência de assassinatos, suicídios, saques, prostituição e adoecimento psíquico grave.

O Ceará, estado marcado por histórico de secas, teve, nos anos de 1877 até 1879 uma seca tão profunda que provocou o ato desesperado de sertanejos de cruzarem a pé longas trajetórias, conforme Costa (2010) e Farias (1997), dos mais distantes e diversos municípios cearenses até a capital, com o objetivo de conseguirem a esperança da sobrevivência. Neves (1995, p. 95) coloca que diante do aumento abrupto de uma população de retirantes quatro vezes superior à população de Fortaleza, o caos foi instaurado, marcado por saques ao comércio local, desordens e epidemias, assim como a falta de moralidade insuflava um constrangimento à população provinciana cristã e neste contexto, a Igreja sentiu também um impacto muito forte pelo surgimento de movimentos messiânicos redentoristas.

Diante do cenário alarmante e crítico, o poder público precisou criar estratégias de enfrentamento. Por trinta e oito anos, foram utilizadas tecnologias simples de distribuição de alimentos em locais reservados aos retirantes, que foram denominados de abarracamentos. Segundo Neves (1995) e Farias (1997), além do envio de provimentos alimentícios, o governo utilizava-se de ações isoladas e pouco efetivas de movimentos sanitaristas e, com o empenho da Igreja e de membros da sociedade local, buscava a moralização das condutas dos sertanejos que beiravam a irracionalidade animal de impulsos e desejos. Além da inserção de novas tecnologias e saberes, houve também, por parte do poder público e da iniciativa privada, ações de isolamento, fazendo com que o retirante recebesse passagens para fora do estado.

Chegou o ano de 1915 e com ele, os ventos da bonança e da chuva decidiram ir para outras paragens. O sertanejo que esperava as bênçãos divinas derramadas do céu sobre a terra em forma de chuva, que lhe possibilitaria a manutenção da cultura de subsistência, enfrentou a cáustica realidade do flagelo humano com a ausência da água. Os jornais da época traduziam em palavras para a população o intenso sofrimento dos retirantes e, conforme Castro (2010), foi se tornando uma constante que

fazendeiros soltassem seu próprio gado para serem lançados aos infortúnio e morrerem nos campos sem pastagem, enlouquecimento provocados pela fome, levadas de migrantes procurando uma fuga para sobrevivência acorrendo às cidades e aos postos de trabalhos das Novas Obras nos interiores e outras formas degradantes e moralmente condenáveis como saques, assassinatos e prostituição, não restando ao sertanejo, neste cenário assolado pela miséria, outra escolha: ou fugia para a capital e outras possíveis frentes de trabalho ou morreria literalmente de fome na mais completa penúria.

O movimento migratório periódico de retirantes para a capital foi sendo uma constante nos momentos de intensidade das estiagens, conforme Barreto (1990) e Farias (1997), devido à falta de políticas públicas que dessem aos cidadãos condições mínimas de permanência e sobrevivência em seus territórios de origem. Desde o século XIX, com o fortalecimento de conhecimentos sanitaristas e sociais, passou-se a acreditar que o adoecimento físico e/ou mental estava diretamente relacionado aos ares, aos lugares e às condições das águas, conforme a perspectiva hipocrática do saber médico. Tal revelação provocou a necessidade de criação de tecnologias e saberes sobre miasmas para conter a população que adentrava os limites da capital cearense à revelia, trazendo com sua presença, micro-organismos malsãos.

Diante do grave problema social imposto pela seca que gerava impacto direto para governantes, Igreja, intelectuais e a sociedade com um todo, foram estruturadas ações de reorganização do espaço urbano para disciplinar a expansão populacional e a instabilidade das ocupações provocadas pelo acréscimo de retirantes, assim como foram desenvolvidas medidas de assepsia urbana, de acordo com Neves (1995). No ano de 1859, Farias (1997) aponta que o engenheiro Adolfo Hebler elaborou a primeira organização urbana de Fortaleza que comemorava a prosperidade da província e a ausência de três décadas sem o fenômeno da seca. Este movimento coincidiu também com o momento histórico em que a capital buscava se inserir no padrão de aformoseamento da *Belle Époque*, marcando o final do século XIX e o começo do século XX com a construção de praças, jardins, ruas pavimentadas, transporte público por meio de bondes, iluminação pública e domiciliar a gás instituições públicas de asilos e hospitais.

Como foi próprio dos séculos XVIII ao começo do século XX, os considerados párias sociais eram confinados em espaços de isolamento (Foucault, 2000), como uma tecnologia utilizada pelo poder público e com ação inclusive militar,

para que a classe que estava emergindo não fosse atingida pela desordem dos menos válidos. À luz do que teoriza Castro (2010), os poderes públicos utilizaram-se de uma estratégia que já era conhecida, o abarracamento, adaptado ao cenário caótico imposto pela seca de 1915. Os retirantes provenientes das mais longínquas localidades cearenses foram abrigados não mais como na seca de 1877, mas amontoados em um espaço bucólico de quinhentos metros, coberto por cajueiros: o centro de concentração do Alagadiço. Assim sendo, a implementação de campos de concentração de refugiados foi a solução, no que se refere ao controle social, segundo Foucault (1996), encontrada pela sociedade hegemônica da época para conter as levas de retirantes que invadiam e saqueavam agora a já aformoseada Fortaleza:

Em 1915, contudo, estes saberes e estas experiências constituem uma nova instituição: o campo de concentração [...] O campo de concentração não é apenas materialização destes poderes e saberes mas ele próprio produz novos saberes e novas formas de poder (NEVES, 1995, p. 94).

Destarte, conforme Castro (2010), o Presidente do estado, Cel. Benjamim Barroso, tomou a iniciativa da construção do campo de concentração. Este nome deveu-se à distinção dos abarracamentos aleatórios, construídos em diversos pontos da capital pelos governos anteriores a 1915, que formavam um amontoado de retirantes vulneráveis que expunham suas mazelas à população provinciana moralmente rígida e que a esta, os miseráveis da seca representavam um fardo social muito pesado: de fazê-la conviver com seres em estado sub-humano.

O terreno destinado na seca de 1915 para acolher os retirantes foi estruturado para concentrar três mil homens, mulheres e crianças não higienizados e promíscuos que estavam a princípio amontoados no Passeio Público, a área reservada para o lazer e para a sociabilidade na Fortaleza de então. A justificativa adotada para a transferência dos flagelados para uma área nos arredores da capital foi, conforme Neves (1999, p. 99), a de ser uma ação humanitária, onde seriam distribuídos alimentos e socorros diversos, prestados em um ambiente arborizado, pois acima de tudo urgia ao poder público em sua política de controle social, preservar a honra das famílias provincianas e livrar a cidade do enfeimento e contaminação dos ares, das águas e dos lugares assim como evitar a explosão demográfica de retirantes na capital, trazendo consigo sua miséria para uma população que já se encontrava cultuando o belo e o fútil.

Os registros de mortes por doenças e inanição, além dos casos de prostituição, assassinatos e suicídios fazem parte do legado de dor que marca a memória dos cearenses e que remete às estiagens. Mesmo havendo estradas de ferro ligando o interior à capital em 1915, construídas anteriormente pelas mãos dos próprios retirantes, não havia passagens de ter, doadas para todos. Então, na intenção de evitar maiores mazelas de uma jornada a pé, muitos flagelados escolheram a alternativa de buscar trabalho nas construções da comissão de Obras Novas Contra as Secas, uma das políticas públicas emergenciais de combate à seca e aos problemas a ela relacionados. Destarte, impedia-se que uma horda de migrantes esfomeados e doentes invadisse as metrópoles, neste caso, Fortaleza, causando-lhe os prejuízos de outrora.

Podemos fazer uma ideia do cenário da construção dos açudes públicos das Obras Contra as Secas, dividido entre engenheiros, auxiliares técnicos, operários e seus familiares. Castro (2010) afirma que o serviço era difícil e mal pago para os flagelados. Mesmo que se praticasse a caridade cristã, por meio da doação de esmolas, havia, por parte de muitos “cidadãos de bem”, a abominação deste exercício, pois para eles, a esmola poderia tornar-se um vício. A recorrência a esta forma de socorro fazia com que muitos retirantes fossem vistos com reserva, como preguiçosos e aproveitadores. Assim, por um lado, uma parcela da sociedade, dos intelectuais e dos poderes públicos mudou a maneira de ver retirante da seca e, por outro, o trabalho em obras destacou-se como meio de socorro à população faminta em 1915.

Quando havia a alocação de trabalhadores, os pagamentos eram diferenciados para os homens, que sempre recebiam um valor superior ao que recebiam as mulheres e as crianças. À luz de Castro (2010) e Neves (1995), neste cenário hostil da construção de obras contra a seca, era corriqueira a vivência de suicídios, assassinatos, prostituição e mortes por causas diversas. Os alojamentos para os retirantes que fizeram percursos longínquos eram insalubres e precários. A princípio não existiam devido à escassez infraestrutural de aquisição de madeiras, palhas e ramagens. Com isso, os abarracamentos para os trabalhadores ficavam expostos ao sol inclemente e ao relento.

Com relação aos sertanejos que partiram para Fortaleza, o governo local precisava tomar uma atitude para que a leva de retirantes não afetasse a ordem vigente e nem os interesses das “pessoas de bem”. Estas medidas eram urgentes e necessárias para que, segundo Oliveira e Campos (1994), não houvesse qualquer insurreição do homem

flagelado, desesperado de fome e que o mesmo permanecesse submisso à sua realidade hostil e ao sol inclemente e canicular. Conforme Neves (1995) e Castro (2010) ficou confinada no campo de concentração do Alagadiço (um espaço destinado, em teoria, a três mil sujeitos) uma população desvalida de oito mil habitantes, em um vasto campo arborizado de cajueiros e mangueiras, ainda que sem qualquer condição infra estrutural, onde famílias inteiras de flagelados se abrigavam do relento nas copas das árvores ou em barracas rudimentares sem conforto mínimo ou qualquer privacidade.

Neste contexto dantesco, as condições sanitárias eram deploráveis, a alimentação não atendia à demanda da população e com estes fenômenos, a proliferação de doenças e desfechos fatais eram uma constante, pois não havia serviço de saúde disponibilizado pela capital para a população em franca agonia e miséria absoluta. De uma iniciativa “humanitária”, o campo de concentração do Alagadiço fugiu completamente aos objetivos de seus idealizadores e passou a ser um local onde a promiscuidade era patente. A falta de moralismo como saques e assassinatos eram uma constante, assim como o adoecimento psíquico grave, visto que foram mencionados vários casos de perda total da razão e de altas taxas de suicídios.

O memorável farmacêutico sanitarista Rodolfo Teófilo foi um grande ativista contra a construção e permanência de campos de concentração nos arredores de Fortaleza, em especial por sua larga experiência como agente no combate às epidemias urbanas, como a varíola. Conhecedor do fato de doenças infecto-contagiosas serem transmitidas por meio de ambientes insalubres e pouco higiênicos, Rodolfo Teófilo sabia, desde o princípio, que o quadro de explosão populacional no local representaria um risco potencial não apenas para os flagelados, mas para os habitantes da capital e adjacências. Tentou, em vão alertar o poder público sobre a precariedade e risco do campo de concentração do Alagadiço para a população cidadina, mas seus esforços resultaram em uma luta inglória. Como ele mesmo defendia: “Fortaleza é um cemitério de crianças” (Teófilo *apud* Neves, 1995, p. 98). Infelizmente, comprovou-se seu vaticínio: as péssimas condições sanitárias, o amontoamento de corpos, a promiscuidade, a alimentação escassa aliada à falta de qualidade da água potável, a proliferação de moscas enquanto agentes transmissores de doenças e a distribuição de leite adulterado para os infantes catalisaram o desfecho fatal para retirantes em grandes proporções, em especial, os mais vulneráveis (idosos e crianças).

A Estrada de Ferro Baturité construída nos campos de trabalho pelos flagelados da seca de 1877 e que facilitou o acesso dos retirantes à capital cearense foi a mesma que recebeu, nos seus arredores e de modo insepulto, inúmeros cadáveres de flagelados. Tal como Rodolfo Teófilo previu, a partir do seu saber e vivência sanitarista: “A primeira visita que fiz ao Campo de Concentração deu-me a certeza de que em breves dias teríamos ali um Campo Santo”. (TEÓFILO, *apud* NEVES, 1995, p. 99). Assim sendo, ao invés de ser um campo de assistência aos desvalidos da Seca de 1915, o Alagadiço passou à nossa História como o macabro “Campo da Morte”, pela facilidade com que a mesma se fazia presente no local e consigo levou milhares de vidas.

Parte deste cenário de dor e desalento é plasmada com maestria por Rachel de Queiroz em sua obra primeira, *O Quinze*, publicado em 1930, e que desafiou a sociedade literata e leitora da época porque mostrou um *brasil* que o Brasil se negava a enxergar, retratado por uma jovem desconhecida e que ousou escrever sua versão da Seca do 15 em uma sociedade impermeável à voz da mulher. Sobre este tema versamos a seguir.

O Quinze e o retrato do Ceará no estio

A obra *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz, relata de forma magistral o drama sofrido pelos retirantes da seca, que tomaram atitudes desesperadas ao soltar o gado para morrer à revelia e perderam a ética cristã de preservar os bens alheios. Não há ética na fome. Pela ótica de Neves (1995, p. 95), podemos afirmar que:

O romance, sem apelar para a sociologia da literatura nem para a teoria literária é uma representação do real sócio-histórico e, como tal, sujeito a apropriações que não correspondem necessariamente à ideia tradicional de “ficção” como algo irreal ou ilusório.

O romance, inovador por haver sido escrito por uma jovem de 20 anos, culta e transgressora, focou seu enredo em planos distintos que tinham como pano de fundo a Seca do Quinze, o eixo cidade-sertão e o binômio liberdade-confinamento. Retratando um Brasil que o Brasil desconhecia ou não queria conhecer, Raquel ousou distanciar-se do modelo de romance regionalista que até então se reproduzia na Literatura. Utilizando-se de uma linguagem jornalística, destituída de sentimentalismo, a autora reportou ao mundo o drama de seus conterrâneos menos afortunados.

As histórias que nos remetem àquela época fazem-nos vislumbrar um cenário horripilante: as pessoas, esqueléticas e famintas, disputavam as carnes apodrecidas dos animais mortos pelo meio do caminho com urubus igualmente esqueléticos e famintos. Nas disputas, não era incomum que as pessoas matassem outrem em busca do que comer: pais vendiam ou davam os próprios filhos para não vê-los morrer diante deles, a prostituição virou moeda de troca e a moral cristã neste sentido ficou obscurecida pela necessidade premente de se manter a vida, custasse o que custasse.

Da fome extrema à migração forçada, da esperança de melhores dias na capital ao confinamento no campo de concentração do Logradouro, da morte de pessoas próximas ou que a vida tratou de lhes aproximar ao escape último: o Norte ou o Sudeste do país porque o Nordeste ingrato, incansável devorador de seus filhos, já não podia lhes servir de lar.

Certamente a Seca do Quinze não foi a mais devastadora que tivemos, mas foi a mais emblemática porque legou-nos a estratégia dos campos de concentração, que retinham milhares de famílias despedaçadas, famintas e doentes nas cidades que ligavam o interior do estado à capital e nas fímbrias desta. O que importava às autoridades e aos fortalezenses, afeitos recentemente ao refinamento da *Belle Époque*, era que o horror instaurado na seca de 1877-1879 não se repetisse, quando hordas de flagelados invadiram o comércio local, saqueando e destruindo.

N’O *Quinze*, Raquel de Queiroz representa a *persona* do sertanejo sofrido em sua personagem Chico Bento, que junto à esposa e aos cinco filhos, empreendem a marcha forçada de deixar a fazenda onde moravam em busca de dias melhores. Com algum dinheiro junto com sacrifício, Chico compra mantimentos e uma burra no intuito de atravessar o sertão; almejava ir para o Norte, extrair látex, como tantos outros conterrâneos seus. No entanto, a sombra da morte passa a rondá-los; o filho mais velho, Pedro, foge com os comboieiros de cachaça e o mais novo, Josias, morre envenenado ao comer mandioca crua:

Lá se tinha ficado o Josias, na sua cova à beira da estrada, com uma cruz de dois paus amarrados, feita pelo pai. Ficou em paz. Não tinha mais que chorar de fome, estrada afora. Não tinha mais alguns anos de miséria à frente da vida, para cair depois no mesmo buraco, à sombra da mesma cruz. (QUEIROZ, 1930, p. 42)

Tempos depois, já no campo de concentração do Logradouro, desvalido e desesperançoso, reconhece uma antiga vizinha, Conceição, sua comadre e protagonista de outro plano do romance. Instruída e à frente de seu tempo para sua idade e condição social, a jovem dispensa o casamento e a maternidade; prefere o trabalho à monotonia da vida centrada em marido e filhos (ainda que posteriormente lamente estas lacunas em sua vida) e passa a ajudar os retirantes que chegam ao Logradouro. Depois de salvar a vida do afilhado, um dos filhos de Chico, Conceição faz-se responsável por ele e passa a criá-lo; não era mãe e não chegaria a sê-lo nunca, mas o pequeno supria sua necessidade de doação altruísta para com o próximo. Depois de algum tempo, conseguiu trabalho para seu compadre e passagem de trem até São Paulo, onde uma nova vida se iniciaria para ele e sua família.

Considerações finais

Passados cem anos da Seca do Quinze, o cenário político mudou bastante, mas não o suficiente como para solucionar o problema das estiagens nem para acabar com a indústria da seca, corrupta e vergonhosa. Antes, as ações governamentais visavam beneficiar o patrão e encurralar os flagelados e/ou fazê-los trabalhar nas frentes de obras e migrar para outras regiões do país, onde sofreriam o preconceito de haverem nascido no Nordeste desgraçado. Hoje, com a implementação de políticas públicas voltadas para o campo, o cenário é outro: não tão inóspito como outrora. Poderíamos estar em melhores condições, mas sobram-nos as boas intenções e faltam-nos Chico Bentos, Conceições e Racheis de Queiroz...

REFERÊNCIAS

BARRETO, Egídio. **Arquitetura do poder** - reflexão crítica da estrutura sóciopolítica e econômica do Brasil. 11. ed. Fortaleza: Edição do Autor, 1990.

CÂMARA, Y. M. R. e CÂMARA, Y. R. Canudos revisitado: uma breve análise do que foi a utopia de Antônio Conselheiro, ameaça à consolidação do poder da república no final do século XIX. **Entrelaces – Revista de Pós-graduação em Letras UFC**, ano 5, n. 5, p. 5-19, maio, 2015.

CASTRO, Lara de. As retiradas para os campos de açudagem na seca “Do Quinze”. **Revista Historiar**, ano 2, n.1, p.97 -122, 2010.

FARIAS de Paulo. **História do Ceará** - dos índios à geração Cambeba. Fortaleza: Tropical Editora, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A História da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

ISER, Elvia Helena. **A lenda arrepiadora**. Um estudo antropológico da renúncia a partir da biografia de Antonio Vicente Mendes Maciel. Dissertação de Mestrado - PUC (Rio). p. 1-50, 2008.

NEVES, Frederico de Castro “Curral dos Bárbaros: os campos de concentração no Ceará (1915 e 1932). **Revista Brasileira de História**. Contexto, v.15, nº29, p. 93 - 122,1995.

OLIVEIRA, Jorge Hélio Chaves, CAMPOS, Néelson Luís Bezerra. **História do Brasil - De Pindorama ao Brasil atual**. Fortaleza: Coleção 2o Grau - Colégio GeoStúdio, 1994.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. Rio de Janeiro: Editora do Brasil, 1930.

SILVA, Francisco de Assis, BASTOS, Pedro Ivo de Assis. **História do Brasil - colônia, império e república**. 2. ed. Revista e ampliada. São Paulo: Editora Moderna, 1986.

VIDAS SECAS E ASPECTOS DA REIFICAÇÃO

Rosana Baú Rabello³³

Resumo:

A partir de relações com *História e Consciência de Classe* (2012), de Georg Lukács, pretendemos estabelecer uma leitura sobre aspectos da reificação na análise de “Vidas Secas” (2008), de Graciliano Ramos. Consideramos a tentativa do autor do romance *Vidas Secas* em abordar a desumanização e a consciência reificada a partir da denúncia da condição social dos personagens retirantes.

Palavras-chave: Vidas Secas, Graciliano Ramos, Reificação, Lukács.

³³Doutoranda - USP.